

METROPOLITANA

CCB

Orquestra Metropolitana de Lisboa

Concerto para Violino *e Orquestra de Brahms*

Frank Peter Zimmermann © Irene Zandel

Temporada 2023/2024 – Um Chão Comum
Grande Auditório
Domingo, 19h00
M/6

19 mai
2024

Programa

Joly Braga Santos (1924–1988)

Noturno para Orquestra de Cordas, op. 12 (1947)

Miguel Azguime (n. 1960)

Concerto para Orquestra

(estreia absoluta/encomenda da Metropolitana)

INTERVALO

Johannes Brahms (1833–1897)

Concerto para Violino e Orquestra, em Ré Maior, op. 77 (1878)

Allegro non troppo

Adagio

Allegro giocoso, ma non troppo vivace – Poco più presto

Violino **Frank Peter Zimmermann**

Direção musical **Pedro Neves**

Orquestra Metropolitana de Lisboa

Noturno para Cordas

No início do catálogo de Joly Braga Santos aparecem indicados dois *Noturnos*. O primeiro, de 1942, para violino e piano, despertou a atenção para o talento de um jovem com 18 anos quando foi transmitido na Emissora Nacional. O segundo seria estreado cinco anos mais tarde no Teatro Nacional de São Carlos pela Orquestra de Cordas da Emissora Nacional, sob direção de Pedro de Freitas Branco.

Depois de abandonar o Conservatório, em 1945, Joly Braga Santos tornou-se discípulo particular de Luís de Freitas Branco, a mais importante figura da composição portuguesa no seu tempo. Isso permitiu-lhe aventurar-se nos mais altos voos da música orquestral, designadamente na *Abertura Sinfónica n.º 1* e, logo de seguida, numa Sinfonia para Cordas que prontamente floresceu na *Sinfonia n.º 1*. Apesar das dificuldades financeiras que enfrentava e dos obstáculos trazidos por uma personalidade aparentemente dispersa e pouco metódica, estava rodeado de grandes mestres e amigos que acreditavam no seu trabalho. Imagine-se a oportunidade de estrear três sinfonias no espaço de apenas um ano e meio — entre fevereiro de 1947 e agosto de 1949 — e de receber sucessivas encomendas do Gabinete de Estudos Musicais da Emissora Nacional e de outras instituições.

Uma dessas encomendas poderá estar relacionada com a origem do *Noturno para Cordas*. No dia 26 de maio de 1947, realizou-se no São Carlos um Espetáculo de Gala integrado nas Comemorações Oficiais do VIII Centenário da Tomada de Lisboa aos Mouros; a primeira parte foi preenchida com música sinfónica, a segunda com bailados. A abrir, «A composição de Joly Braga Santos consta de três números que se quiseram intitular em conjunto *Lisboa*, o 3.º com coros, todos três zelosos de corresponderem à encomenda com que o autor foi distinguido» (*in Diário de Lisboa*, 27/05/1947). Os documentos hoje disponíveis não são conclusivos, mas permitem conjecturar que a última das três peças fosse a cantata coral *A Conquista de Lisboa*, que a primeira fosse a *Abertura Orquestral n.º 2*, e que a

segunda fosse este *Noturno* que fora estreado três semanas antes no mesmo palco, também pelo maestro Pedro de Freitas Branco.

Um dos aspetos que de imediato se destacam nesta pequena peça são os solos confiados à viola d'arco. É bem conhecida a influência que o violetista belga François Broos teve junto de Joly Braga Santos, de que é exemplo a composição do *Concerto para Viola* em 1960. Porém, Broos só se instalou em Portugal em 1948, pelo que outra razão terá existido.

De resto, assiste-se à espontaneidade melódica tão característica deste compositor. De início, a viola espraia-se sobre um motivo de quatro notas insistentemente repetido nos instrumentos mais graves da orquestra, em jeito de *ostinato*. Depois, melodias de matriz modal percorrem pelas «vozes» que se entrelaçam em contrapontos dolentes. Também as harmonias evitam caminhos fáceis, sempre em diálogo com tradições ancestrais. Simultaneamente melódica e harmónica, é esta a identidade sonora que distingue o *Noturno para Cordas* de Joly Braga Santos.

Tutti!

Miguel Azguime é um compositor que gosta de falar do seu ofício e partilhar aspetos relacionados com a criação artística. Atrevemo-nos, por isso, a pedir-lhe que nos falasse sobre o *Concerto para Orquestra* antes mesmo da estreia. Bem sabemos que as descrições e a verbalização das ideias ficam sempre aquém da música propriamente dita. Mas também dão pistas que despertam uma escuta mais atenta e propícia à transformação pessoal.

Miguel Azguime vinha sentindo há vários anos a vontade de se aventurar num tipo de escrita para orquestra que explorasse o *Tutti* — é esta a palavra italiana que se aplica para designar quando vários instrumentos tocam juntos. Com efeito, nas quatro peças para

orquestra que compôs anteriormente, os instrumentos dispersam-se pela partitura. Nunca investira neste recurso técnico que, afinal, prevalece na esmagadora maioria do repertório orquestral. Nasceu então a ideia de compor um *Concerto para Orquestra*, assim proporcionada pela encomenda da Orquestra Metropolitana de Lisboa.

De imediato, lembramo-nos dos *Concertos para Orquestra* de Béla Bartók e de Witold Lutosławski (1943 e 1954), onde é confiado protagonismo aos diferentes naipes da orquestra em sucessivos andamentos. O mesmo acontece nesta obra de Azguime, com breves interlúdios transitórios pelo meio. Tudo começa pelos sopros, em particular as madeiras e a trompete. Cumpre às cordas e aos metais graves uma aparente função de acompanhamento. Depois, o dispositivo inverte-se. É dado relevo às cordas enquanto os sopros surgem em segundo plano. Na terceira secção sobressaem as percussões, dando ênfase à pulsação e ao ritmo. Por fim, tudo se combina e mistura num capítulo derradeiro.

Perguntámos então como é que características tão marcantes do seu percurso criativo, como as texturas harmónicas repletas de microtons e a depuração tímbrica, coexistem com a propensão melódica natural do *Tutti*. Acontece que os contornos melódicos se instalam no encadeamento dos acordes. A microtonalidade está presente e os instrumentos não tocam sempre a mesma nota, mas juntam-se em entidades sonoras que progridem melodicamente.

Quisemos também saber como é que a componente performativa e os recursos eletrónicos, outros dois traços que distinguem a sua música, convivem com a escrita orquestral. Ora, são constelações diferentes. Já é bastante o desafio de explorar a imensidão de recursos que uma orquestra oferece e — adiantou — nunca tinha ido tão longe no que a isso respeita. Apesar da restrição que impôs aos materiais utilizados, foi tal a proliferação de ideias que deixa antever sequelas deste mesmo *Concerto* em ocasiões futuras.

Miguel Azguime é um cidadão preocupado com «as desorientações do mundo», as quais parecem ressoar na primeira

secção deste *Concerto*. Alerta insistentemente para a necessidade de um novo paradigma civilizacional e não esconde o seu pessimismo, muito embora a última secção desta obra pareça contrariá-lo. Nas suas óperas, explicita com desassombro mensagens com este teor. Porém, as obras estritamente instrumentais não lhe permitem sequer vaguear sobre narrativas ocultas. Será assim? Nós, ouvintes, podemos exercitar conjecturas. Quem sabe, o próprio compositor venha um dia a desvelar algo mais ao acrescentar um subtítulo na partitura?

Brahms versus Joachim

Há um aparato virtuosístico que não passa despercebido no *Concerto para Violino* de Johannes Brahms. Mas assiste-se também a uma expressão lírica intensa que obriga o violinista a comportar-se com à-vontade, parecendo fácil. As melodias prolongam-se imensuravelmente, sempre com eloquência, mas sobre posições difíceis do instrumento e intervenções pouco previsíveis. O concerto foi estreado em 1879 por Joseph Joachim, o dedicatário da obra. A amizade entre o compositor e o violinista será a chave para desvendar alguns enigmas que a obra transporece.

Este é um dos *Concertos para Violino* mais populares de sempre. Coloca, porém, extraordinários desafios aos violinistas que se propõem tocá-lo. Em vários momentos, tal como acontece no célebre início do terceiro (e último) andamento, o solista toca continuamente e com grande velocidade duas notas em simultâneo, exigindo-se apesar disso a mesma naturalidade que resultaria em instrumentos mais adequados para o efeito – tais como o piano, por exemplo. É por esta razão que um violinista vienense contemporâneo de Brahms, Josef Hellmesberger, fez certo dia um comentário que se tornou célebre, dizendo que não se tratava de um Concerto «para» Violino, mas sim de um Concerto «contra» o Violino. Ressalva-se, porém, que não se trata de soluções de escrita inadequadas às qualidades próprias do instrumento, contrariamente ao que acontece em tantas outras peças do repertório. Brahms era pianista, mas contou com a colaboração de um grande violinista daquela época,

o próprio Joseph Joachim, a fim de conseguir os efeitos musicais que hoje nos encantam.

Esta é uma obra que atravessa uma grande variedade de ambientes, desviando-se nalguns momentos de maneira repentina de sonoridades soturnas para enfrentar a exaltação épica. Assim acontece logo no andamento inicial, na primeira grande intervenção do violino. Sobre tudo isto, instala-se uma relação entre o solista e a orquestra tremendamente dramática. Por vezes mais parece ser uma sinfonia do que um concerto, tal é a imponência e a densidade da presença orquestral. As primeiras páginas deste concerto são bom exemplo disso, com uma introdução lenta da orquestra que faz lembrar o início da *Sinfonia n.º 2*, evoluindo rapidamente na direção de acordes maciços contundentes. O violino floresce quase indistintamente a partir daí com uma persuasão que se afirma ao longo do tempo. Esta disputa de protagonismo entre solista e orquestra acha outro exemplo no início do segundo andamento, quando Brahms prefere confiar «a mais bela das melodias» ao oboé, na vez do violino. Curiosamente, quando o violino retoma a mesma melodia, não o faz com precisão, como se vagueasse melancolicamente e sem rumo. A relação parece ambígua, mas no andamento final tudo desemboca em sonoridades que não escondem afinidades com a música cigana que estava tão em moda nas últimas décadas do século XIX. Afinal, Joachim era de origem húngara.

Rui Campos Leitão



Frank Peter Zimmermann © Irene Zandel

Frank Peter Zimmermann

Violino

Frank Peter Zimmermann é amplamente considerado um dos principais violinistas da sua geração. Elogiado pela sua musicalidade altruísta, pelo seu brilho e inteligência aguçada, tem tocado com todas as grandes orquestras do mundo há mais de três décadas, colaborando nestas ocasiões com os maestros mais célebres do mundo. Os seus muitos compromissos em concertos levam-no a todas as salas de concertos importantes e festivais de música na Europa, Estados Unidos, Ásia, América do Sul e Austrália.

Os destaques da temporada 2023/2024 incluem uma digressão com a Filarmónica de Wiener e Daniel Harding, concertos com a

Royal Concertgebouw Orchestra, a Staatskapelle Dresden e a Orquestra Sinfónica da Rádio Sueca, todos dirigidos por Harding, com a Orquestra Filarmónica de Londres e Edward Gardner, a Bayerisches Staatsorchester e Vladimir Jurowski, a Bamberger Symphoniker e Andrew Manze, a Deutsches Symphonie-Orchester e Kazuki Yamada, a NDR Elbphilharmonie Orchester e Alan Gilbert, bem como com as Orquestras Sinfónicas de Montreal e Toronto, dirigidas por Rafael Payare e Gustavo Gimeno, respetivamente. Também dá recitais na Europa com os pianistas Martin Helmchen e Dmytro Choni.

Ao longo dos anos, Frank Peter Zimmermann construiu uma discografia impressionante para as editoras EMI Classics, Sony Classical, BIS Records, hänssler CLASSIC, Ondine, Decca, Teldec Classics e ECM Records. Gravou praticamente todo o repertório de concertos importantes, de Bach a Ligeti, bem como repertório de recitais. Muitas dessas gravações receberam prémios de prestígio em todo o mundo. Os lançamentos mais recentes incluem os dois concertos para violino de Martinů com a Bamberger Symphoniker e Jakub Hruša, juntamente com a sonata solo de Bartók (BIS Records); as sonatas completas para piano e violino de Beethoven com Martin Helmchen (BIS Records); uma sonata e duas partitas de J.S. Bach (BIS Records); os dois concertos para

violino de Schostakovich com a NDR Elbphilharmonie Orchester e Alan Gilbert (BIS Records; disco nomeado para um Grammy); e os concertos para violino de J.S. Bach com o Berliner Barock Solisten (hänssler CLASSIC). Em setembro de 2021, a Filarmónica de Berlim lançou um CD especial com interpretações de Zimmermann dos concertos de Bartók, Beethoven e Berg sob a direção dos maestros Alan Gilbert, Daniel Harding e Kirill Petrenko, respetivamente. Em 2022, recebeu o Prémio Gramophone e o Jahrespreis der Deutschen Schallplattenkritik. Recebeu diversos prémios e homenagens especiais, entre os quais o Premio del Accademia Musicale Chigiana, Siena (1990), o Rheinischer Kulturpreis (1994), o Musikpreis da cidade de Duisburg (2002), o Bundesverdienstkreuz 1. Klasse der Bundesrepublik Deutschland (2008) e o Paul-Hindemith-Preis der Stadt Hanau (2010). Em 2010, fundou o Trio Zimmermann com o violista Antoine Tamestit e o violoncelista Christian Poltéra; o trio atuou em todos os principais centros musicais e festivais da Europa durante mais de uma década.

A BIS Records lançou gravações em CD premiadas de obras para trio de cordas de J.S. Bach, Beethoven, Mozart, Schubert, Schoenberg e Hindemith. Zimmermann realizou estreias mundiais do *Concerto para Violino n.º 2*, de Magnus Lindberg, do *Concerto para Violino «en sourdine»*, de Matthias Pintscher,

do *Concerto para Violino «The Lost Art of Letter Writing»*, de Brett Dean, e do *Concerto para Violino n.º 3 «Juggler in Paradise»*. Nascido em 1965 em Duisburg, na Alemanha, começou a tocar violino aos cinco anos, tendo dado o seu primeiro concerto com orquestra aos dez anos. Estudou com Valery Gradov, Saschko Gawriloff e Herman Krebbers.

Frank Peter Zimmermann toca o violino Antonio Stradivari de 1711 «Lady Inchiquin», gentilmente cedido pela Kunstsammlung Nordrhein-Westfalen, Düsseldorf, «Kunst im Landesbesitz».



Pedro Neves

Direção musical

Pedro Neves é atualmente diretor artístico e maestro titular da Orquestra Metropolitana de Lisboa. Paralelamente, desempenha as

funções de maestro titular da Orquestra Clássica de Espinho. Foi maestro titular da Orquestra do Algarve entre 2011 e 2013, e posteriormente, maestro associado da Orquestra Gulbenkian, entre 2013 e 2018. É convidado regularmente para dirigir a Orquestra Gulbenkian, a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, a Orquestra Sinfónica Portuguesa, a Orquestra Filarmonia das Beiras, a Orquestra Clássica do Sul, a Orquestra Clássica da Madeira, a Orquestra Sinfónica do Estado de São Paulo, a Orquestra Sinfónica de Porto Alegre, a Orquestra Filarmonía do Luxemburgo e a Real Filarmonia da Galiza. No âmbito da música contemporânea, tem colaborado com o Sond'arte Electric Ensemble, com o qual realizou estreias de vários compositores portugueses e estrangeiros, realizando digressões pela Coreia do Sul e Japão. Também com o Remix Ensemble Casa da Música, o Grupo de Música Contemporânea de Lisboa e o Síntese Grupo de Música Contemporânea. É fundador da Camerata Alma Mater, agrupamento dedicado à interpretação de repertório para orquestra de cordas e com a qual tem recebido uma elogiosa aceitação por parte do público e da crítica especializada. Pedro Neves iniciou os seus estudos musicais em Águeda, sua terra natal. Estudou violoncelo com Isabel Boiça, Paulo Gaio Lima e Marçal Cervera; respetivamente, no Conservatório de Música de Aveiro, na Academia

Nacional Superior de Orquestra (Lisboa) e na Escuela de Música Juan Pedro Carrero (Barcelona), com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian. No que respeita à Direção de Orquestra, estudou com Jean-Marc Burfin, obtendo o grau de Licenciatura na Academia Nacional Superior de Orquestra, com Emilio Pomàrico, em Milão, e com Michael Zilm, de quem foi assistente. O resultado deste seu percurso faz com que a sua personalidade artística seja marcada pela profundidade, coerência e seriedade da interpretação musical.

Orquestra Metropolitana de Lisboa

A Orquestra Metropolitana de Lisboa (OML) é pedra angular de um projeto que se estende além do formato habitual de uma orquestra clássica. Quando se apresentou pela primeira vez em público, no Mosteiro dos Jerónimos a 10 de junho de 1992, anunciou o propósito de fazer confluir as missões artística, pedagógica e cívica por intermédio de uma gestão otimizada de recursos e uma visão ampla e integrada de todas as vertentes do fenómeno musical. Sempre apoiada pela Câmara Municipal de Lisboa, por instituições governamentais do Estado e por vários municípios do entorno geográfico, e uma vez completadas três décadas de atividade, o valor da aposta é hoje consensualmente reconhecido, não somente pelos resultados alcançados, mas

sobretudo pela relevância que tem no atual panorama musical do país. Constituída por 35 músicos de 10 nacionalidades diferentes, um terço dos quais formados na Academia Superior da Metropolitana (ANSO), a OML é bastante versátil. Multiplica-se com frequência em agrupamentos de música de câmara e junta-se regularmente aos alunos para formar uma orquestra de dimensão sinfónica. Esta plasticidade tem-lhe permitido interpretar um leque de repertório que se estende do barroco à contemporaneidade, passando pela ópera e pelas grandes sinfonias românticas. Já estreou obras de grande parte dos compositores portugueses no ativo e, para lá da música que se reconhece na tradição clássica europeia, toca ainda outros estilos e tradições, tendo já partilhado palco com os Xutos & Pontapés, Carlos do Carmo, Rui Veloso, Mário Laginha, Tito Paris, Sérgio Godinho e muitos outros. Tem conseguido, deste modo, dirigir-se ao público melómano, mas também às famílias e a toda a comunidade escolar, chegar junto das pessoas através do entusiasmo que todos sentimos pela música. Em vez de concentrar as suas atuações numa única sala de concertos, a OML tem vindo a consolidar uma implantação territorial que irradia a partir da cidade de Lisboa para os concelhos mais próximos, e mais espaçadamente para todo o continente e arquipélagos. Ao longo do seu historial também já

tocou em França, Bélgica, Espanha, Áustria, Polónia, Cabo Verde, Índia, Tailândia, Coreia do Sul, Japão e China. Conta com mais de dois milhares de concertos efetuados em formação orquestral, 23 CD e 1 DVD gravados, para lá de muitas transmissões radiofónicas e televisivas. Tocou com alguns dos mais notáveis solistas nacionais, entre eles Maria João Pires, Sequeira Costa, António Rosado, Artur Pizarro, Pedro Burmester, Elisabete Matos, Gerardo Ribeiro, Vasco Barbosa, Paulo Gaio Lima e Ana Bela Chaves, e também com prestigiados solistas internacionais, como Montserrat Caballé, Jose Carreras, Leon Fleisher e Natalia Gutman. Entre muitos, foi dirigida pelos maestros Enrique Dimecke, Arild Remmereit, Christopher Hogwood, Theodor Guschlbauer, Emilio Pomarico e, mais regularmente, Nicholas Kraemer, Brian Schembri (Maestro Titular em 2003/2004), Olivier Cuendet, Enrico Onofri e Michael Zilm. As direções artísticas da OML foram sucessivamente confiadas a Miguel Graça Moura — fundador do projeto —, Jean-Marc Burfin, Álvaro Cassuto, Augustin Dumay, Cesário Costa e Pedro Amaral. Pedro Neves é, desde janeiro de 2021, diretor artístico e maestro titular.

Orquestra Metropolitana de Lisboa

FLAUTAS

Nuno Inácio
Janete Santos

OBOÉS

Sally Dean
Carla Pereira

CLARINETES

Jorge Camacho
Tiago Mourato¹

FAGOTES

Lurdes Carneiro
Rafaela Oliveira

TROMPAS

Daniel Canas
José Alexandre Marques²
Jérôme Arnouf
Ivan Branco¹

TROMPETES

Sérgio Charrinho
João Moreira

TROMBONES

André Matos¹
Guilherme Duarte¹

TÍMPANOS

Marco Fernandes

PERCUSSÃO

Francisco Cipriano²
Pedro Tavares²

PRIMEIROS VIOLINOS

José Pereira *concertino*
Joana Dias
Alexêi Tolpygo
Mariana Moita³
Diana Tzonkova
Inês Marques²
Sofia Ruivo²

SEGUNDOS VIOLINOS

Ágnes Sárosi
José Teixeira
Anzhela Akopyan
Luís Tonicher³
Daniela Radu
Nonna Manicheva

VIOLAS

Joana Cipriano
Santiago Medina
Sérgio Sousa
Leonel Andrade³
Andrei Ratnikov

VIOLONCELOS

Nuno Abreu
Catarina Gonçalves
Jian Hong
Alessio Cunha³
Tiago Mirra²

CONTRABAIXOS

Vladimir Kouznetsov
Ercole de Conca

¹ Aluno/a ANSO

² Convidado/a

³ Estagiário/a

METROPOLITANA

Diretor executivo **Miguel Honrado**
Diretor artístico **Pedro Neves**
Diretor pedagógico **Yan Mikirtumov**
Diretora administrativa e financeira
Fátima Angélico

www.metropolitana.pt
facebook.com/metropolitanalx
Travessa da Galé 36, Junqueira
1349-028 Lisboa, Tel.: (+351) 213 617 320

FUNDADORES



Ministério da Cultura
Ministério da Educação,
Ciência e Inovação
Ministério do Trabalho,
Solidariedade e Segurança Social

Ministério da Juventude
e Modernização
Secretaria de Estado do Turismo

MECENAS



PROMOTORES

Câmara Municipal de Caldas da Rainha
Câmara Municipal de Lourinhã
Câmara Municipal de Montijo
Câmara Municipal de Setúbal

PARCEIROS

Câmara Municipal do Barreiro
Câmara Municipal de Loures
Câmara Municipal do Seixal



PATROCINADOR BOLSAS DE ESTUDO ANSO

PARCEIROS MEDIA



PATROCINADOR PRINCIPAL

SANTA CASA
Misericórdia de Lisboa

PATROCINADORES



GIRODMÉDIAS^{PT}

PARCERIAS

São Luiz Teatro Municipal
Universidade Nova de Lisboa
Biblioteca Nacional de Portugal
Cultivarte - Encontro Internacional
de Clarinete de Lisboa

CMS Rui Pena & Arnaut
Instituto Superior de Economia e Gestão
Casa Fernando Pessoa
Fundação Arpad Szenes - Vieira da Silva
Secretaria-Geral da Educação

Fundação Oriente
Academia das Ciências de Lisboa
Museu Nacional dos Coches
Museu Nacional da Música
Junta de Freguesia de Alcântara
Sociedade Nacional de Belas Artes

ESTE CONCERTO PODE SER FILMADO E/OU FOTOGRAFADO PELA PRODUÇÃO. CASO NÃO AUTORIZE O REGISTO DA SUA IMAGEM CONTACTE
O RELACIONAMENTO PÚBLICO LOCAL.



PRÓXIMO CONCERTO

26 MAIO 2024

***Sinfonia n.º 4* de Joly Braga Santos**

Orquestra Sinfónica Portuguesa

Coro do Teatro Nacional de São Carlos

Direção musical **Julia Jones**

A Orquestra Sinfónica Portuguesa e o Coro do Teatro Nacional de São Carlos, sob a batuta de Julia Jones, interpretarão uma seleção de obras notáveis. Entre elas está a *Quarta Sinfonia* de Joly Braga Santos, composta em 1968, uma peça coral-sinfónica que culmina num épico epílogo coral, reconhecido como uma homenagem comovente à juventude e proposto como Hino Mundial da Juventude. Também será apresentado o *Concerto n.º 1 para Violino* de Prokofiev, cujo segundo andamento eletrizante causou uma forte impressão em Joseph Szigeti durante sua estreia em Paris, 1923. A partir daí, Szigeti tornou-se um defensor entusiasta da peça, levando-a para palcos ao redor do mundo.

Conversa pré-concerto

Este espetáculo contará com uma conversa pré-concerto com Alexandre Delgado (musicólogo) e Cesário Costa (maestro e programador). Exclusiva para portadores de bilhete de concerto.

Conversa pré-concerto, 18h30

Concerto, domingo, 19h00

Grande Auditório

Coprodução: Centro Cultural de Belém, OPART/Teatro Nacional de São Carlos



Conselho de Administração

PRESIDENTE **Francisca Carneiro Fernandes**

VOGAL **Madalena Reis**

VOGAL **Delfim Sardo**

Diretora Artística de Artes Performativas e Pensamento

Aida Tavares

Coordenadora Geral Executiva de Artes Performativas e Pensamento

Cláudia Belchior

Programadores

Cesário Costa

Fernando Luís Sampaio

Madalena Wallenstein

Diretora de Comunicação e Marketing

Catarina Figueira

Diretor de Edifícios e Instalações Técnicas

António Ribeiro

Diretor Financeiro e Administrativo

Francisco Sacadura

Diretor de Recursos Humanos

Jorge Carvalheira

Diretor Jurídico/Contratação

João Caré

APOIO INSTITUCIONAL



PARCEIRO INSTITUCIONAL



PARCEIRO MEDIA PARA
A TEMPORADA 2023/2024



COFINANCIADO POR

